

A representação de Dilma Rousseff pela mídia impressa brasileira: analisando os processos verbais

Leila Barbara (lbarbara@uol.com.br)

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil¹

Maria Carmen Aires Gomes (mcgomes@ufv.br)

Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, Brasil²

Resumo: A participação de mulheres políticas brasileiras tem aumentado na vida pública e suas atribuições vão além de suas experiências domésticas e pessoais, atividades são desenvolvidas nos serviços públicos como saúde, educação, entre outros. No entanto, tais atividades são, na maioria das vezes, mediadas pelos meios de comunicação, que servem, muitas vezes, de elo entre sociedade e ações e atividades políticas. Partindo do princípio de que a mídia tem a função social de informar a população acerca dos fatos e acontecimentos decorrentes da vida social, política e cultural, o objetivo principal deste artigo é analisar como Dilma Rousseff – Ministra da Casa Civil e pré-candidata à presidência da República do Brasil à época em que o presente artigo foi elaborado – é representada pela mídia. Levamos em conta os pressupostos teóricos dos estudos discursivos sobre política (CHARAUDEAU, 2006a), e o aparato metodológico dos estudos em Linguística Sistemico-Funcional, a fim de estudarmos a representação de Dilma Rousseff com base na realização dos processos verbais (HALLIDAY, 1994, 2004; BARBARA; MACÊDO, 2010).

Palavras-chave: gênero social; representação e discurso político na mídia; Linguística Sistemico-Funcional – processos verbais

Abstract: Participation of Brazilian women in politics has increased in the public

1 Professora Titular do Departamento de Linguística da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Bolsista Produtividade I – CNPq.

2 Este artigo faz parte da pesquisa realizada nos estudos de pós-doutorado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo (Bolsa Pós-Doutorado Júnior, CNPq/2010).

Leila Barbara

Maria Carmen
Aires Gomes

68

sphere and their attributions go beyond their domestic and personal experiences, activities are developed in the public service dealing with, among other sectors, health and education. Such activities, however, are mostly mediated by the media, which frequently serves as a link between society and political actions and activities. Departing from the idea that the media has the social function to inform the population about the facts and happenings resulting from social, political and cultural life, the main objective of this article is to analyze how Dilma Rousseff – Brazilian Chief of Staff and pre-candidate for the Presidency at the time in which this article was written – is represented by the media. We take into account the theoretical underpinnings of discourse studies on politics (CHARAUDEAU, 2006a), and the methodological apparatus of Systemic-Functional Linguistics, in order to examine the representation of Dilma Rousseff based on the realization of verbal processes (HALLIDAY, 1994, 2004; BARBARA; MACÊDO, 2010).

Keywords: gender; representation and political discourse in the media – Systemic-Functional Linguistics; verbal processes

INTRODUÇÃO

A idéia de que a mulher está vinculada apenas a atividades domésticas ou a cargos predominantemente femininos, geralmente de má remuneração e/ou quase nenhum reconhecimento social, é uma maneira reducionista e preconceituosa de se pensar em sua atuação no meio em que vive, uma vez que ocupa atualmente cargos de grande status social.

Hoje as mulheres estão cada vez mais presentes no mercado de trabalho, conquistando cargos de destaque que, até pouco tempo, eram predominante ou exclusivamente masculinos, como os cargos políticos (ASSUMPÇÃO, 2008; MORAIS, 2008;). Essa presença crescente da imagem feminina no mercado de trabalho é oriunda de uma mudança social que vem ocorrendo, ou seja, da necessidade de um estilo de vida diferente.

Entretanto, mulheres em cargos públicos constantemente tornam-se alvo de postura e comentários que não são feitos aos homens que ocupam os mesmos cargos. Detalhes, descrições pormenorizadas da vida social, ou mesmo detalhes sutis que poderiam ser menos relevantes são invariavelmente na mídia impressa usados para representarem mulheres, sobretudo, aquelas que ocupam cargos de poder (van DIJK, 1997).

Mesmo diante desse cenário³, a participação de mulheres políticas bra-

3 Ver artigo de Tania Fatima Calvi Tait – Coordenadora da ONG Maria do Ingá – Direitos da Mulher, intitulado “A (des)qualificação da mulher na política”, disponível em: www.humber-

sileiras tem aumentado na vida pública e suas atribuições vão além de suas experiências domésticas e pessoais, atividades sérias são desenvolvidas nos serviços públicos como saúde, educação, entre outros. No entanto, tais atividades são, na maioria das vezes, mediadas pelos meios de comunicação, que servem, muitas vezes, de elo entre sociedade e ações e atividades políticas.

Partindo do princípio de que a mídia tem a função social de informar a população acerca dos fatos e acontecimentos decorrentes da vida social, política e cultural, o objetivo principal deste artigo é analisar como Dilma Rousseff – ministra da Casa Civil e pré-candidata à presidência da República do Brasil à época em que o presente artigo foi elaborado – é representada pela mídia. As perguntas que nortearam este trabalho foram: (i) **Como Dilma Rousseff é representada pela mídia impressa, com base nos processos verbais?** (ii) **O que Dilma Rousseff diz?** e (iii) **O que falam sobre Dilma Rousseff?**

Levamos em conta, portanto, os pressupostos teóricos dos estudos discursivos sobre política (CHARAUDEAU, 2006a), e o aparato metodológico dos estudos em Linguística Sistêmico-Funcional, a fim de estudarmos a representação de Dilma Rousseff com base na realização dos processos verbais (HALLIDAY, 1994, 2004; BARBARA; MACÊDO, 2010) tomando por base as questões centrais acima referidas.

Inicialmente tecemos breves considerações sobre a relação entre Discurso Político e Mídia. A seguir, descrevemos os procedimentos metodológicos, com fundamentação nos estudos de Linguística Sistêmico-Funcional, para enfim analisarmos e discutirmos como as revistas brasileiras semanais de informação geral representam Dilma Rousseff, tomando como ponto de partida a realização de alguns processos verbais.

DISCURSO POLÍTICO E MÍDIA: ANALISANDO REPRESENTAÇÕES

Não é a intenção, deste artigo, discutir ou analisar discursos construídos no espaço político, mas sim observar como a mídia constrói tal espaço e principalmente seus atores. Buscamos refletir aqui sobre aquele que diz/fala, que informa, com quais propósitos e a partir de quais escolhas e possibilidades. É importante, portanto, ressaltar que a mídia, por meio de seus atores, tem o poder de gerenciar, controlar aquilo que será noticiado, isto é, os fatos que se tornam notícias, e até mesmo a agenda política: as

decisões, negociações, ações. Responsabiliza-se, assim, pelas escolhas que opera (CHARAUDEAU, 2006a, p.284), e, ao fazer isso, opta por determinados elementos linguístico-discursivos, suscitando “movimentos emocionais diversos: antipatia em relação aos agressores, simpatia para com os salvadores, compaixão pelas vítimas”.

Charaudeau (2006a, p.63-64), ao falar do dispositivo de comunicação política, argumenta que a instância midiática é uma “máquina de forjar discursos de legitimação”, responsável por constituir imagens de lealdade (legitimando a posição de poder), de protesto (para a instância cidadã) e da denúncia (para a instância midiática); essas três instâncias: político, povo e mídia são os atores da cena política, e suas formas de agir (direitos e deveres) dependerão da situação de poder (se democrático, ditador).

O discurso político, como se sabe, construído não só no espaço midiático, mas também na cena pública, é um arranjo de vozes que se confirmam, se contrapõem, retificam, acusam; para Charaudeau (2006a, p.290), é uma “espécie de escaramuça” discursiva, onde políticos, fontes⁴ e jornalistas se confrontam em jogos de réplicas, explicações, julgamentos. O fato é que: aqueles que de Dilma falam, por exemplo, não serão só testemunhas, ou dizentes, não reportarão apenas o que se passa no mundo; mas se constituem como sujeitos posicionados que opinam acerca de algum fato.

Vejam alguns atores sociais/participantes políticos que emitem opiniões sobre Dilma-ministra-pré-candidata:

O entendimento entre a cúpula petista é de que Dilma não pode afirmar que fará melhor, mas sim que fará mais do que Lula.

“Dilma foi arranhada no escândalo, porque há uma convicção de que nada é feito na Casa Civil sem o conhecimento dela”, **afirma o presidente do PSDB, Sergio Guerra.**

Muitas vezes, como aponta Charaudeau (2006b), em *Discurso das Mídias*, os atores sociais a quem a mídia dá a fala nem sempre estão implicados nos fatos diretamente, mas podem ser eleitos devido à sua posição social, ou à sua perícia/experto ou mesmo um cidadão. Verificamos nos dados exemplos disso:

“O doutor Ivo Pitanguy, um dos maiores cirurgiões plásticos do

4 As fontes jornalísticas são pessoas, entidades e documentos que fornecem informações aos jornalistas, seja emitindo comentários e opiniões, verificando o rigor de dados obtidos ou aferindo a veracidade dos juízos de valor que lhes foram confiados.

mundo, também aprovou as mudanças feitas no visual de Dilma. “Todo mundo gosta de estar bem com sua imagem. No caso dela, deu mais força e determinação”, disse.

“A situação é muito ruim para Dilma, porque gera uma desconfiança na credibilidade da sua gestão, pela falta de pudor político ou de seriedade de alguém sob seu comando”, diz **Murillo Aragão, da Arko Advice, um dos consultores mais requisitados pelo sistema financeiro.**”

“Ao trazer Dilma para o palanque, o presidente Lula espera que ela gere fatos políticos positivos, mas o que ele conseguiu até agora foi transformá-la na bola da vez do PT”, **diz o cientista político Sergio Abranches**”.

A representação de Dilma Rousseff pela mídia impressa brasileira: analisando os processos verbais

71

Observe-se que, embora não sejam atores implicados diretamente nas ações de Dilma-ministra-pré-candidata, são falas importantes de participantes legitimados seja pela função especializada que ocupam na sociedade (cirurgião plástico), seja pelo status sócio-político experto (cientista político, consultor financeiro). Tais atores/dizentes foram solicitados a se pronunciarem sobre Dilma seja na representação da aparência (mudança de imagem positiva), seja no desempenho político e profissional (credibilidade e legitimidade baixas, desempenho negativo tanto político quanto profissional).

Segundo Charaudeau (2006a), o agente político se desenvolve e se constitui na cena pública, por isso é conduzido a agir em três frentes: **ator**, mostrando sua imagem, carisma; como **personagem**, desempenhando seu papel público de representante político, e **pessoa**, mostrando que tem sentimentos, pensamento, volições, exprimindo-se em princípio apenas na intimidade. De igual modo, pudemos perceber nos nossos dados que os temas incidiam nestes três direcionamentos identitários: **Trabalho, Política e Pessoal**. Cada um desses temas se especifica em função dos fatos ali relatados, comentados e até mesmo provocados. A própria Dilma-ministra constitui essa cena política ora construída por seu desempenho político ou profissional, com postura assertiva, ora íntimas pessoais, com um tipo de comportamento mais sensível, em função daquilo que se diz.

Levando em conta essas breves considerações acerca do discurso político e sua relação com o espaço midiático, observemos como as três revistas semanais brasileiras de informação geral representam Dilma Rousseff, por meio da análise dos processos verbais (HALLIDAY, 2004).

Quando falamos em representação de um ator social, estamos entendendo-o como um processo em que o ser humano busca representar algum objeto ou entidade, físico ou semiótico, com base em seus interesses, decorrentes de questões culturais, sociais e psicológicas, dentro de contextos específicos, por meio de práticas sociais (van LEEUWEN, 1997). O sistema de representação, portanto, é “o processo através do qual membros de uma cultura usam sistemas de significação para produzir significado.” (HALL, 1997, p.61). Somos nós, atores sociais, que nos significamos e significamos o mundo que nos rodeia, por isso é somente por meio da linguagem que significados são potencialmente construídos em contextos sócio-históricos e culturais.

Não é difícil perceber que do ponto de vista sócio-discursivo a representação é construída por sujeitos constituídos nas mais variadas práticas sócio-culturais e históricas, marcadas por relações de poder. As questões que ensejam tal discussão são como se dão tais representações? Quem as produz? A partir de quê?

É por meio de nossas práticas sociais que nos significamos e significamos o outro, atribuímos-lhe valores, representações sociais, construímos imagens ora positivas, ora negativas, seja por racionalizações, julgamentos morais, apreciações ou afetividades. Essas construções significativamente potencializadas podem, na maioria das vezes, ser partilhadas pelos membros de um grupo social. O fato é que interpretamos realidades e atribuímos a ela significados sócio-culturais.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa tem como base metodológica não só a Gramática Sistêmico-Funcional (GSF), desenvolvida por Halliday (1994, 2004), mas também os estudos desenvolvidos por Barbara e Macedo (2010) e Eggins (1994). Desde os anos 60, a GSF vem se desenvolvendo como um modelo de análise linguística que se caracteriza por uma abordagem paradigmática que tem seu foco na relação entre linguagem e contexto social.

Na Linguística Sistêmico-Funcional, a unidade de significado é o texto; uma unidade comunicativa, produzida na troca entre falantes, em contextos específicos. O Texto é produto do meio social, do contexto situacional, portanto “as características linguísticas selecionadas num texto codificam dimensões contextuais, tanto do contexto de produção imediato, situacional – quem diz o quê a quem, por exemplo –, como do contexto mais geral, cultural” (GOUVEIA, 2009, p.26).

A linguagem é organizada, então, pelas metafunções (componentes

funcionais da léxico-gramática), que se associam “naturalmente” às variáveis do contexto de situação. A metafunção ideacional responsabiliza-se pela realização do campo do discurso (delineação da ação social), a metafunção interpessoal pelas relações (relações sociais) e a metafunção textual pelo modo (ação verbal). Dessa forma os falantes podem interagir com os outros, representar e interpretar a experiência do mundo e organizar e construir textos significativos nos contextos de uso. A léxico-gramática então oferece os recursos para que os falantes possam realizar as funções interpessoais, experienciar o mundo e assim organizar um texto coeso, um discurso pertinente para uma dada situação comunicativa.

Tendo em vista que a organização da linguagem se dá pelas metafunções, neste artigo, em função de nossos propósitos, nos limitaremos à análise da metafunção ideacional, que explica como a linguagem é usada para representar significados sobre o mundo, o modo como a realidade é representada em relação às coisas, às pessoas e aos lugares, enfim, sentimentos e valores. É responsável pela expressão da nossa representação e conhecimentos do mundo, está ligada, portanto, ao mundo externo (eventos, acontecimentos, etc.) e também ao mundo interno (pensamentos, crenças, sentimentos, etc.) (HALLIDAY, 1978, 1985, 1994, 2004).

Halliday (1978) chama atenção para o fato de essa metafunção representar o significado potencial do falante como observador, ou seja, é a linguagem falando sobre alguma coisa, seja do nosso mundo interior, seja dos fenômenos que constituem o mundo. A construção da realidade se realiza pela lexicogramática por meio do sistema que relaciona os **participantes** com os **processos** e suas **circunstâncias** dentro de uma oração; a metafunção ideacional organiza e expressa os significados experienciais. Essa realização se dá pelo Sistema de Transitividade, que considera três aspectos analíticos: (i) a escolha do processo feita pelo grupo verbal na oração; (ii) a escolha dos participantes realizada pelos grupos nominais; (iii) a escolha da circunstância, pelos grupos adverbiais (HALLIDAY, 1994, p.107)

Nossa experiência é representada e organizada por meio de processos (HALLIDAY, 2004), a saber: Materiais (são os processos relativos às ações, no mundo físico), Mentais (quando pensamos e sentimos algo, são nossas experiências relativas ao mundo interior), Relacionais (são os processos vinculados à identificação, à classificação e à posse), Verbais (são os processos de dizer), Comportamentais (são processos que representam características fisiológicas e psicológicas), e Existenciais (são os processos que tratam do reconhecimento da existência de algo).

Nosso foco neste trabalho são os processos verbais cuja função é introduzir, relatar, transmitir mensagens, informações. Martin, Matthiessen e

Painter (1997) ressaltam que tal processo não inclui apenas as diferentes formas de dizer (perguntar, comandar, iniciar), mas também processos semióticos que não são necessariamente verbais (mostrar, indicar). Tem como participantes: dizente, recebedor, alvo e mensagem; que podem se realizar como participantes da oração, verbiagem, um nome abstrato, oração paratática ou então como uma oração a ela coordenada.

Construção do corpus

Leila Barbara

Maria Carmen
Aires Gomes

74

Foram sistematizados 304 textos midiáticos, coletados no período de 2003 a 2009, em revistas brasileiras semanais de informação geral: *Veja*, *Época*, *IstoÉ*. Vale ressaltar que consideramos principalmente os gêneros jornalísticos denominados “informativos” e interpretativos: reportagens e notícias. Para tanto coletamos notícias e reportagens das revistas em sua versão on-line, tomando por base a palavra-chave “Dilma Rousseff”. Separamos então o corpus em duas fases:

- **Fase 1 (2003-2006):** Dilma Rousseff foi nomeada Ministra das Minas e Energias e a transição para o cargo de Ministra da Casa Civil, substituindo José Dirceu, no primeiro mandato do governo Lula.
- **Fase 2 (2007-2009):** Dilma Rousseff já atuando como Ministra da Casa Civil. Esta fase foi dividida em alguns momentos: (a) Casa Civil – Coordenadora PAC, (b) Cirurgia – pré-candidata, (c) Doença – pré-candidata, (d) Candidata à presidência.

Para a organização e tratamento dos dados, foi utilizada a ferramenta computacional *WordSmith Tools* (SCOTT, 1999). Inicialmente foram produzidas duas listas de palavras (*WordList*), para cada fase (1 e 2), para, em seguida, considerarmos os seguintes itens lexicais para a busca e coleta dos dados: *Dilma*, *Ministra*, *Ela*, *Casa Civil*, *Minas e Energia*, *Candidata*, *Mãe do Pac*. Levantamos assim os contextos em que estes ocorreram, por meio da ferramenta *Concordance*.

Dessas duas ferramentas – *Concordance* e *Word List* – extraímos os dados gerais do corpus.

Da lista de palavras, como foi dito, utilizamos a ferramenta *Concord*, com as seguintes entradas: *Dilma*, *Ela*, *Ministra*, *Casa Civil*, *Minas e Energia*, *Candidata*, *Mãe do Pac*. Então, selecionamos os processos que se encontravam à direita do item de entrada, para, em seguida, identificarmos os tipos de processos mais frequentes. A frequência encontra-se na Tabela 1.

Observou-se que houve uma maior realização de processos materiais, relacionais e verbais no *corpus*.

Quadro 1: Informação estatística do corpus

Fases	Fase 1	Fase 2	Total
Textos	239	65	304
Tamanho do corpus em bits	52.437	90.076	142.513
Total de palavras	41.622	14.735	56.357
Total de palavras diferentes	6.748	3.525	10.273
Relação palavras/palavras diferentes (TTR)	16,21	23,92	40,13
Orações	2.362	858	3.220

A representação de Dilma Rousseff pela mídia impressa brasileira: analisando os processos verbais

Tabela 1: Tipos e frequência dos processos no corpus

Processos/ itens	Ela	Dilma	Candidata	Ministra	Mãe do Pac	Minas e energias	Casa Civil	Total
Material	176	337	07	111	02	04	06	643
Mental	29	80	01	19	-	01	04	134
Relacional	125	259	17	88	-	02	07	498
Verbal	51	167	10	65		10	20	323
Comportamental	7	5	3	3	-	-	-	18

75

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, POLÍTICA E PROCESSOS VERBAIS

Em *Mito e Discurso político*, Miguel (2000), afirma, resgatando Arendt (1987), que todas as ações políticas são realizadas por meio de discursos, ou seja, da linguagem como prática social. Neste mesmo direcionamento, Charau-deau (2006a) afirma que a política não pode agir sem a palavra, uma vez que esta intervém em três espaços: da discussão, da ação e da persuasão. Arendt (1987, apud MIGUEL, 2000) também observa que a política traz à tona o debate, a discussão sobre temas que colocam em jogo as questões da sociedade, ou seja, é por meio da discussão que se definem as formas de ações políticas, os ideais. Já para Miguel (2000), a esfera política pode ser pensada a partir de quatro outros aspectos: a luta (destruição do inimigo), o jogo (vitória sobre o adversário), o debate (discussão e adesão do outro aos seus anseios e objetivos) e o espetáculo (encenações construídas para atingir os eleitores/interesse). Então, debatem-se ideais, opiniões, no espaço público, muitas vezes midiaticizado, mas também fazem política, decidem, instituem idéias, atos.

É com base, principalmente, nessas colocações de Miguel (2000) que nos voltamos para, a seguir, os resultados de nossa pesquisa, consideran-

do as três questões que orientaram o nosso olhar/nossa investigação: (i) *Como Dilma Rousseff é representada pela mídia impressa, levando em conta os processos verbais?* (ii) *O que Dilma Rousseff diz?* (iii) *Quem fala sobre Dilma Rousseff?* e (iv) *O que falam sobre Dilma Rousseff?*

Aqueles que de Dilma Rousseff falam, nos dados, vão desde jornalistas, cientistas políticos e econômicos, ministros, médicos, eleitores até amigos. Em muitas matérias, os atores acima referidos são chamados para tecer opiniões ora sobre a ministra Dilma, ora sobre a pré-candidata Dilma, ora sobre Dilma militante política. Muitas vezes, essas opiniões se associam não às características sócio-culturais tradicionalmente atribuídas à mulher (doação, sacrifício e afetividade), mas às do homem (competição, luta e racionalização/tecnicismo) e talvez seja esse deslocamento que cause estranhamento àqueles que a representam como uma mulher política austera, reforçando a imagem de mulher-política: combatente, “sargentona”, mandona, chefe.

Sensibilidade, ternura, emoção, pureza não surgem como atributos e qualificadores da “natureza” feminina de Dilma Rousseff-ministra, mas sim traços de rispidez, austeridade e agressividade, caracterizando uma imagem de sujeito-político-mulher, com potencialidades masculinas.

Essa observação vai ao encontro das reflexões e pesquisas desenvolvidas no âmbito dos estudos de gênero social: a mudança de paradigma, o modelo binário, biológico, que reforça a diferença ou desigualdade, é deslocado para a idéia de que mulheres e homens são construídos socialmente, reforçando a tese da diversidade, isto é, mulher pode sim se construir socialmente com traços masculinos, enquanto homens podem socialmente agir com características femininas (BUTLER, 1990; TOURAINE, 2006; SWAIN, 2004). De modo que, por exemplo, Dilma Rousseff, se construa socialmente como sujeito-político-mulher, com base em uma construção sócio-cultural e transformável.

A filósofa Judith Butler (1990), crítica do modelo binário, reflete sobre a distinção entre sexo/gênero, compreendendo gênero como uma categoria, um operador flutuante, capaz de permitir que pensemos que o masculino pode ser (e é) re-significado, no corpo feminino. Butler (Idem) argumenta que esse processo de re-significação se estabelece pela idéia de corpo performativo, isso é, são as relações de gênero que criam o sexo e não a determinação biológica, de modo que as identidades são performativamente construídas no contexto espaço-temporal.

É fato, porém, que a determinação biológica (modelo binário baseado no sexo) ainda alicerça, na maioria das vezes, as relações de gêneros nas práticas sócio-políticas e culturais e não a capacidade, habilidade ou

competência, e a mídia tem sido um espaço propício para ensejar as mais variadas representações sociais, um lócus onde se forjam diferenças e desigualdades políticas, mas também um espaço de manutenção de estereótipos (SODRÉ, 2006).

Apresentaremos, portanto, como a mídia analisada, por meio dos atores sociais eleitos por ela, representa Dilma Rousseff.

Seriedade e Austeridade

A imagem de seriedade é bastante recorrente nos dados da pesquisa. Na maioria das falas, tanto da própria Dilma como de outros atores sociais que a representam por meio de uma imagem de seriedade. O foco maior nesta construção de imagem pode ser constatado/exemplificado tanto pelas referências feitas a índices corporais e mímicos (rigidez no corpo, postura, expressão raramente sorridente na face), a índices comportamentais, por meio da capacidade de auto-controle diante das críticas (sangue frio) assim como a índices verbais (tom firme e comedido, sem efeitos oratórios) (CHARAUDEAU, 2006a, 2006b).

A própria **Dilma diz**: “O difícil não é meu temperamento, mas minha função. **Eu tenho de resolver problemas e conflitos**. Não tenho descanso”.

O coordenador da ONG Greenpeace, Marcelo Furtado, diz que discorda de vários pontos de vista de Dilma, mas que **ela sempre é respeitosa e objetiva**. “Ela não se sente numa mesa de negociação sem saber do que se trata. Demovê-la de uma decisão é difícil”, **afirma**.

“Ela não é mulher de meio-tom”, **resume** o ex-companheiro de guerrilha Darcy Rodrigues”.

“Dilma gosta de fazer ironias com alguns comentários. “Não sou criticada porque sou dura, mas porque sou mulher. **Sou uma mulher dura cercada por ministros meigos,**” **diz, divertida.**”

A imagem de austeridade é uma construção que se coloca como consensual, ou pelo menos não contradita, de Dilma como ministra; muito rígida, em suas opiniões, condutas e caráter:

“Na chefia da Casa Civil, Dilma **é tão obsessiva na cobrança de ho-**

Leila Barbara

Maria Carmen
Aires Gomes

78

rários e tarefas quanto nos tempos da guerrilha. É uma das primeiras a chegar ao Planalto, por volta das 8h30. “Assessores costumam ligar o telefone às 7 da manhã porque ela pode cobrar tarefas passadas no dia anterior”, **diz** uma ex-auxiliar.

Na Esplanada dos Ministérios, Dilma tem fama de durona. Segundo Landim, **todo mundo acha que ela é ríspida.** “Mas comigo nunca foi. Acho que ela usa o **estilo durão para testar os interlocutores.** Saber se estão seguros”, diz.

“Dilma Rousseff não lembra a guerrilheira radical de trinta anos atrás, embora exiba a mesma firmeza. **“Ela é uma mulher suave e determinada”, diz a jornalista Judith Patarra,** autora do livro, Iara, no governo.”

O Brasil não conhece Dilma Rousseff. Conhece apenas a imagem que ela criou. Sobre a ministra austera que aparece na TV – e não necessariamente sobre a mulher real –, a professora paulista Gleide Nogueira Baptista Galvão, de 54 anos, tem algumas impressões. **Acha que a chefe da Casa Civil é fria. Excessivamente segura de si. Incapaz de expressar emoções.**

Competência

A herança, estudos, funções exercidas, experiência adquirida/saber e habilidade são algumas das imagens vinculadas à representação atribuída à ministra Dilma Rousseff. Cabe destacar que nos exemplos 18 a 20, os atores sociais que julgam positivamente o grau de competência da ministra, embora não sejam do PT, o fazem, assim que a Ministra assume o Ministério da Casa Civil, em 2007, logo após a renúncia polêmica de José Dirceu:

“O presidente do Senado, Renan Calheiros, afirma que Dilma tem talento para a tarefa: “Ela se revelou craque tanto na gerência do governo quanto na ação política”.

O cientista político David Fleischer diz que ela tem tamanho para isso. Segundo ele, Dilma tornou-se uma espécie de Condoleezza Rice – assessora que ganhou a confiança do presidente George W. Bush e hoje cuida da política externa americana – no governo Lula. “A atuação na área de energia e o afastamento do lamaçal político

ajudaram bastante”, afirma Fleischer.

O tucano José Aníbal, ex-colega de Dilma nos tempos do movimento estudantil, afirma: “Dilma é um dos melhores quadros do governo Lula. É séria e tem convicções, mas sabe ser flexível. Sempre foi muito estudiosa, concentrada e racional”.

Diferentemente do que ocorre em 2009, quando a ministra se lança à pré-candidatura à Presidência da República. Foram encontradas nos dados matérias em que jornalistas qualificam e julgam negativamente o desempenho político de Dilma, constantemente a ministra torna-se alvo de comentários negativos e até mesmo irônicos. Em 21 e 22, por exemplo, chegam a fazer julgamentos sobre o que seja um perfil político eficiente e adequado para se ganhar uma eleição; o que, para os atores referidos, Dilma Rousseff não atenderia tal perfil, em função principalmente de sua postura austera:

Competência técnica e capacidade de comando são dois atributos associados à imagem da gerente do PAC. **Ela deveria agregar a eles habilidade política e capacidade de comunicação, para percorrer a distância que ainda a separa da candidatura oficial** – e o episódio não ajuda em nada essa tarefa.

O novo perfil da ministra ainda precisa ser trabalhado. E também não se deve esquecer que aparência sozinha nem sempre ganha eleição.

Comando/ordem

As imagens de Chefe, Comandante, são algumas das representações mais frequentes sobre Dilma-ministra.

A opinião de Landim é compartilhada por poucos. **“Dilma é muito democrática, desde que você concorde 100% com ela”**, diz um deputado petista de São Paulo. **“Ela é mandona mesmo, chega a ser chata”**, diz um ministro com quem Dilma já teve atritos.

Algumas realizações de processos ressaltam características relativas ao campo semântico da luta/da guerra, o que parece ressaltar uma representação sócio-cultural de Dilma Rousseff-ministra, como uma participan-

te combatente, guerrilheira, que está ora na ofensiva, ora na defensiva. Nos exemplos abaixo, embora sejam processos de ação, materiais, neste contexto, agem como processos verbais.

Leila Barbara

Maria Carmen
Aires Gomes

A manutenção dessas conquistas – mérito que, este, sim, cabe ao governo Lula e à equipe de Palocci – é justamente o que a ministra (e ex-guerrilheira da VAR-Palmares, um dos principais grupos armados da década de 60).Dilma agora **tenta torpedear.**”

Na semana passada, Dilma **voltou seus canhões contra a ANP.** O motivo alegado foi o anúncio feito pela agência da descoberta de um grande campo petrolífero em Sergipe.”

A ministra-chefe da Casa Civil, a ex-guerrilheira Dilma Rousseff **metralhou** seu plano de ajuste fiscal de longo prazo e aumentou o tom de voz contra a equipe econômica que segurava verbas.”

A realização de tais processos orna a construção da imagem de Dilma-ministra como a do senhor da guerra, que pode declarar conflitos contra inimigos. O arquétipo de guerreiro tradicionalmente atribuído ao homem resvala para Dilma/mulher/política que enfrenta adversidades, responde por si própria; talvez esta construção esteja vinculada à herança de Dilma-militante-guerrilheira:

Dois dias depois, a ministra-chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff, **atacou** o termo “choque de gestão”, usado pelo PSDB, e chamou-o de “conceito propagandístico.”.

Dilma também **defendeu** outros petistas acusados de se beneficiar do esquema, como o Professor Luizinho (SP) e Paulo Rocha (PA) e negou a existência do Mensalão. Resta saber o que o poeta repentista diria sobre isso.”

Potência

A imagem da ministra combatente associada ao falar forte evoca ainda a representação de potência. O corpo que demonstra força, por meio não só da gestualidade enérgica, mas também pelo tom de voz forte, construindo a imagem do líder assertivo e potente:

“À vontade pela primeira vez, pernas abertas, **dedo em riste e usando um tom de voz mais grave**, Dilma começou a discursar sobre a ausência do Estado nas favelas brasileiras.

O presidente Lula havia delegado a Múcio a tarefa de acertar com o PMDB as nomeações para as estatais do setor elétrico. Sem a interferência de Dilma, que desde o início do governo **controla o setor com mão de ferro...**

Em Brasília, amigos leais de Dilma admitem que a melhor forma de descrever o temperamento da ministra é pensar no “seu Saraiva”, aquele personagem que vivia surtos de “tolerância zero” no programa Zorra total, da TV Globo. “**A primeira besteira ela até ouve, coloca um dedo no rosto, o que já é sinal de irritação, mas na segunda perde a paciência**”, diz um confidente.

O cenário de Dilma Rousseff-ministra é o público: local onde a razão, o cálculo e a técnica dominam as condutas e não àquele da mulher que vive à sombra do outro, conforme o modelo binário conservador. Constituiu-se aqui antes um discurso de controle, comando, do que solidariedade e compaixão. Talvez porque a prática política seja um espaço de tomada de decisões de poder e de decisão política que exija a princípio assertividades, competições e negociações/alianças, ou pela própria herança de Dilma-militante.

Mesmo assim, Lula não gostou nada de ver **Dilma Rousseff escancarar as divergências** em entrevista ao jornal O Estado de S. Paulo. Avalia que faltou habilidade política à ministra e cobrou dela que reserve as críticas para as reuniões internas.

A ministra muniu-se de gráficos e tabelas e partiu para cima dos ministros que estavam gastando menos. Fez isso no melhor estilo Dilma: falando duro.

O próprio presidente alimentou a crise em casa, estimulando os tiros de Dilma em Palocci e liberando a retaliação. Lula não defendeu Palocci e na quinta-feira 17 ainda elogiou Dilma, posando a seu lado para fotos no Planalto.

Orgulho e comando resultam em uma construção potencialmente

combativa, ornando-se em uma representação de combatente, corajosa. Observe que os exemplos 34 e 35 trazem mais uma vez a construção metafórica de guerra, ações militantes: “**estimulando os tiros de Dilma em Palocci**, A ministra **muniu-se de gráficos e tabelas e partiu para cima**”.

Coragem

A imagem daquela que enfrenta adversidades e dificuldades sem enfraquecer, em prol da defesa de seus ideais, até inclusive com sacrifício foi bastante representativa nos corpus, principalmente quando o assunto foi a doença de Dilma-ministra-pré-candidata:

Leila Barbara

Maria Carmen
Aires Gomes

82

De acordo com a nota divulgada pelo hospital Sírio- Libanês, em São Paulo, “foi constatado que, após exaustivos exames, o tratamento atingiu o resultado esperado e Dilma Rousseff encontra- se livre de qualquer evidência de linfoma, com estado de saúde geral excelente, podendo retornar a sua rotina”. **A pré-candidata do PT às eleições presidenciais em 2010 afirmou** que está pronta para o que der e vier: “**Apareceu na frente, encaro**”

Ao receber a notícia, Dilma foi pragmática. Quis saber três coisas: Tem cura? Como é o tratamento? Posso manter minhas atividades? Não demonstrou fraqueza ou desespero. Ouviu dos médicos que poderá continuar trabalhando e viajando. “**Esse é mais um desafio na minha vida e vou enfrentá-lo**”, disse Dilma na entrevista em que admitiu a doença.

Como se não bastasse estar doente, **Dilma ousou assumir que sofre de câncer** em plena pré-campanha à sucessão do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Mas, mesmo em **seu ato de coragem**, no sábado 25, a ministra preferiu usar os termos “linfoma” ou “essa doença”.

Chamou atenção o grande número de realizações de processos verbais, que ressaltam características relativas ao comportamento fortemente questionador e argumentador, o que parece ressaltar uma representação sócio-cultural de Dilma Rousseff como uma participante/dizente que tem um desempenho político marcadamente polêmico.

Vituperação

A imagem de vituperação, vale destacar, não é realizada por processos verbais, mas sim pelos comportamentais, mas vale a pena destacá-los em função da expressividade que dará à pesquisa. Nesta imagem Dilma-ministra é representada como um ator que brada, que se indigna, por meio de berros, gritos:

“E o que Múcio fez? Tornou pública a artimanha da ministra-chefe. Dilma soube e ficou furiosa. Há duas semanas, Dilma e Múcio se encontraram em um corredor do Palácio. “Você me traiu!, **gritou a ministra. “Não falo mais nada contigo!”**”

De acordo com um relato que Eira faria, mais tarde, a um político de sua confiança, Dilma **reagiu aos gritos**: – Querem reservar o dinheiro para os projetos de vocês? Estão muito enganados. Só se passarem por cima do meu cadáver. É um absurdo! Eu tenho o comando disso!

Durante a semana, Lula falou grosso e **Dilma Rousseff deu socos na mesa** enquanto anunciava a lista de preços. O discurso é afinado. Mas ainda falta muito para resolver o problema.

Provocação

Algumas falas representam Dilma-ministra como aquele político de “personalidade forte.” Isso ocorre em função principalmente da posição ou do tipo de comportamento que ele assume durante as alianças, negociações e debates públicos. Dilma-ministra foi muitas vezes representada como um ator reativo, que age e reage a comportamentos/falas de outrem, na maior parte dos casos do adversário.

“Quando Lina reafirmou o que dissera, Dilma **rebateu** no mesmo tom: “A gente não afirma, a gente prova. Não estamos na Idade Média, em que se prova a veracidade de alguma coisa por ênfase”.

“A peça de resistência será, sem dúvida, a dobradinha Lula-Dilma. Há duas semanas, o deputado Beto Albuquerque (PSB-RS) **bateu boca com Dilma**. Beto tentava incluir uma obra no PAC. Dilma **retrucou** que seus técnicos diziam que a obra não tinha viabilidade”.

Dilma **contesta** essa visão. Ela afirma que o governo se sairá bem

A representação de Dilma Rousseff pela mídia impressa brasileira: analisando os processos verbais

na condução da crise. “Tenho certeza de que esse componente será favorável, na visão do povo”, diz ela.

Os processos verbais acima pressupõem a existência de discussões acirradas, debates, em defesa de uma opinião, ordem, decisão, por meio de marcas de refutação: *rebateu, retrucou, contestou*. Pode-se dizer que tais processos têm características de trocas dialógicas: são construções responsivas ativas do outro que configuram relações de força em que a Dilma se coloca em posições muitas vezes de superioridade em relação ao seu interlocutor.

Leila Barbara

Maria Carmen
Aires Gomes

Polemização

84

As construções polêmicas intensificam a imagem combativa de Dilma-ministra. Remetem a espaços discursivos de debates, onde situações conflituosas se realizam e acontecem, em que os participantes ora negam argumentos de seu oponente, ora acusam a moralidade, o caráter e conduta. Podemos observar algumas realizações dos processos verbais de forma a representar Dilma-ministra como polemizadora.

“Durante o famoso encontro da cúpula da VAR-Palmares realizado em setembro de 1969, em Teresópolis, região serrana do Rio, Dilma Rousseff **polemizou** duramente com Carlos Lamarca, o maior mito da esquerda guerrilheira.”

A atuação de Dilma na área energética também foi polêmica. Definiu um conjunto claro de normas para o setor na tentativa de retomar os investimentos privados, paralisados depois da crise do racionamento em 2001. **Mas foi criticada** por ter levado muito tempo para implantar o novo sistema. Para ela, o modelo foi um sucesso. **Boa parte do empresariado com investimentos na área discorda.**

“**Não aceito isso**”, disse ela. “Os nomes estão sendo apresentados sem nenhuma avaliação do currículo ou do ponto de vista moral.”
Dilma saiu da conversa decidida a reagir.

Alguns processos trazem um acento de julgamento, isto é, Dilma-ministra julga se o fato é bom ou ruim, declarando explicitamente sua aprovação ou desaprovação, desqualificando seu destinatário, atribuindo para

si a autoridade moral daquele que “pode ou deve julgar”:

Palocci pediu demissão pela primeira vez na quinta-feira 17, na esteira da entrevista em que Dilma **acusou de “rudimentar” seu plano de ajuste fiscal**. Na prática, Dilma reclama da demora na liberação de verbas e tem o apoio implícito do presidente.

Ali, longe dos holofotes, ela voltou a ser a Dilma que todos conhecem: **altiva e sem medo de dizer o que realmente pensa sobre as pessoas**. “Acho que o [José] Dirceu foi uma pessoa injustiçada”, disse a respeito de seu antecessor no cargo, apontado como o chefe da quadrilha do pagamento de propina a parlamentares em troca de apoio ao governo, escândalo revelado em 2005.

A representação de Dilma Rousseff pela mídia impressa brasileira: analisando os processos verbais

85

No campo político, a credibilidade dos atores é frequentemente afetada por fatos que contradizem as intenções declaradas assim como aquelas afirmadas pelos adversários que os questionam (CHARAUDEAU, 2006a, p.126). Nos exemplos 50-52, Dilma-ministra torna-se, muitas vezes, o alvo das críticas, seja de políticos, seja de eleitores:

Dilma foi acusada pela ex-chefe da Receita Federal Lina Vieira de tê-la pressionado para arquivar uma investigação contra as empresas da família do senador José Sarney. A ministra negou a pressão, mas a pesquisa mostra que a **maioria do eleitorado** que soube do episódio **considera que ela mentiu**.

Diante da notícia de que a secretária executiva da Casa Civil, Erenice Guerra, teria sido a autora do dossiê, “fontes do Planalto” afirmaram que ou **Dilma esclarecia os fatos** ou corria o risco de perder o cargo. Pouco habituada a esse tipo de tiroteio, “a ministra se sentiu extremamente vulnerável”, dizem pessoas próximas.

Em agosto passado, primeiro numa entrevista e depois em depoimento no Congresso, a ex-secretária da Receita Federal **Lina Vieira acusou a ministra-chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff**, de tê-la convocado para uma reunião no Palácio do Planalto.

O discurso da justificação é colocado em prática pelos políticos para se inocentar das críticas, das acusações que lhes são dirigidas. A negação, por meio do processo verbal “negar”, foi bastante recorrente no corpus, ora

empregado para rejeitar uma denúncia, ora contestar a acusação declarando-a improcedente:

“A **Casa Civil** reitera o conteúdo da nota oficial divulgada no dia 22 de março, na qual repudia a matéria de VEJA e **nega categoricamente** a existência de qualquer dossiê envolvendo gastos com suprimento de fundos do governo Fernando Henrique.”

Leila Barbara

Maria Carmen
Aires Gomes

Se comprovado, o encontro criaria sérios constrangimentos legais à ministra, pré-candidata do PT à Presidência da República. **Dilma, porém, sempre negou com veemência** a existência da reunião.

86

Nos últimos dias, **Dilma foi criticada** por estar antecipando a campanha eleitoral, o que é ilegal. Indagada sobre o assunto, **a ministra se disse vítima de preconceito pelo fato de ser mulher**. Ninguém entendeu o que uma coisa tem a ver com a outra, mas Dilma conseguiu, ao menos momentaneamente, safar-se da polêmica – exatamente como foi ensaiado com sua equipe de campanha, integrada por políticos, publicitários e jornalistas.

“Falando de seu futuro político, mas sem mencionar a candidatura presidencial de forma explícita, **a ministra afirma que tentam “criar** um estereótipo de uma pessoa ruim, perversa”.

Nos exemplos 53 e 54, em “**nega categoricamente**”, “**sempre negou com veemência**”, o processo verbal negar aparece acompanhado de circunstância de modo (categoricamente e com veemência).

Outros processos verbais encontrados realizam traços de aceitação (concordância) e recusa (discordância) de Dilma-ministra. Observamos processos de rejeição/aceitação que trazem características de oferta (oferecer bens e serviços) e processos verbais de conformidade/recusa, com características de comando (pedir bens e serviços).

“Dilma Rousseff **admite vazamento de informações**, mas **nega** que o governo tenha bisbilhotado dados de FHC.”

“Dilma Rousseff **confirma** a exatidão dos dados publicados pela revista, mas **discorda visceralmente** da interpretação que VEJA faz deles – em especial no que diz respeito à edição desses dados.”

“Eles estão convencidos de que Dilma **só concordou** em ir para a mesa de operação porque essa mudança faz parte de um projeto político – e não por vontade pessoal.”

Observou-se no corpus que, dos tipos mais fundamentais de papéis de fala, de acordo com Halliday (1994, p.68), foram observados: oferecer e pedir. Em função da natureza política de Dilma, então ministra da Casa Civil, o que está sendo oferecido ou pedido é definido em duas recorrentes funções de fala: ofertas e comandos: aceitação/rejeição, conformidade/recusa.

Das representações identificadas acerca de Dilma-ministra, até o momento, há um entrecruzamento claro das figuras de seriedade, combate, polêmica e polêmica/debatedora, além claro da representativa imagem de austeridade. São representações que coexistem e se reforçam, talvez em função de sua imagem de Dilma-militante-guerrilheira.

De Dilma-ministra a Dilma pré-candidata

No entanto, simultânea a essa representação tão combativa atribuída à Dilma-ministra, observou-se, em oposição a essa, a emergência de uma nova imagem: o modelo normativo “duro, austero, sério” de mulher/tecnicista é re-significado em um suporte de “mulher frágil/leve e flexível”, quando se trata de Dilma-pré-candidata, portanto, não mais Dilma no comando do Ministério da Casa Civil:

É do presidente a percepção inicial de que **a imagem de Dilma precisava ser suavizada**. Foi ele quem primeiro disse isso a ela. E coube a Santana concretizar a ideia em termos práticos.

Logo na primeira vez que Lula falou a Dilma sobre a hipótese de torná-la candidata à Presidência, ainda em 2007, **ele mencionou a necessidade de ela amenizar a sua imagem**. “Dilma, você precisa perder essa cara de escritório”, aconselhou.

“A mudança no visual é parte de uma estratégia bem planejada com um único propósito: **o de conferir a Dilma um perfil menos sisudo e mais simpático e ser a embalagem que faltava para transformar a até então mera técnica competente no principal nome para disputar**, como candidata do governo, a eleição presidencial em 2010”.

Trata-se, pois, de um espaço político de poder que está regulando, normalizando e inculcando determinado modelo político de humanização, promovendo um deslocamento de condutas, atitudes e comportamentos, para atingir fins eleitoreiros: Dilma-ministra-austera transforma-se em Dilma-pré-candidata-humanizada. Nota-se o estabelecimento de um espaço criador de “corpos dóceis”, “corpos estetizados”; um poder disciplinador que emerge da relação de docilidade/utilidade (FOUCAULT, 1996).

Da representação do combatente emerge a figura da docilidade, uma tentativa do modelo normativo de humanizar a militante-guerrilheira, nada disso obscurece o fato de ser mais uma estratégia manipulativa, para atingir determinados fins no processo eleitoral. De maneira geral, não podemos ignorar que este deslocamento gera um efeito cultural inverso: figura feminina, construída sócio-culturalmente, com traços masculinizados passa por uma transformação que a torna mulher-sujeito-política com traços + feminino, emotivo e sentimental:

Leila Barbara

Maria Carmen
Aires Gomes

88

“Ao mesmo tempo que a doença humaniza a candidata, a torna mais vulnerável porque vai sempre suscitar a interrogação na cabeça das pessoas sobre se ela tem condições de assumir o País.”

Ele reconhece, porém, que este é o momento de formação de uma nova imagem para a candidata. “A imagem só está sendo construída agora”, afirma. E antecipa: **“Na campanha, ela será superexposta e o povo verá uma ministra atenciosa, simpática, afável, gentil e que sabe ouvir.”**

A mudança no visual é parte de uma estratégia bem planejada com um único propósito: o de conferir a Dilma um perfil menos sisudo e mais simpático e **ser a embalagem** que faltava para transformar a até então **mera técnica competente** no principal nome para disputar, como **candidata do governo**, a eleição presidencial em 2010.

Diante disso, observa-se que a representação de Dilma Rousseff pela mídia trata-se de uma construção ambivalente: ao mesmo tempo em que lhe é atribuída uma conduta tecnicista, competitiva, como Dilma-ministra há também uma imagem dócil sendo construída para Dilma-pré-candidata.

Essa representação vai ao encontro das idéias de Butler (1990). Para a filósofa, gênero é entendido como *efeito* no lugar de um sujeito centrado/uno. Nas palavras de Butler (Idem), a representação ambivalente de “ser Dilma-pré-candidata” se apresenta como um efeito, ou seja, uma construção identitária sócio-cultural, e não um *sentido em si* do sujeito.

ALGUNS APONTAMENTOS

Os resultados mais claros de nossa pesquisa, que, neste ponto, se afinam com outros estudos e análises (BUTLER, 1990; SODRÉ, 2006; SWAIN, 2004; TOURAINÉ, 2006), é que a construção da mulher na política (em cargo de poder) resvala para a idéia mulher-sujeito, “a mulher que se constrói ela mesma contra as forças de pressão social e adquire uma consciência de si” (TOURAINÉ, 2006, p.49), uma identidade performativamente constituída (BUTLER, 1990). Mesmo que Dilma-pré-candidata esteja sendo construída por um modelo dominante e regulador do que seja um candidato ideal, ela está fazendo isso, parece, conscientemente como sujeito-político-mulher.

Os dados sugerem a existência de competências ou traços adquiridos, construídos e negociados pela experiência de Dilma Rousseff com a militância (guerrilha) e não com o espaço doméstico/feminino/mãe, o que lhes permite evidenciar competências de gestão e organização.

Observou-se que Dilma Rousseff-ministra é representada pelo seu desempenho político e profissional, que, na grande maioria das vezes, resvala para atributos e comportamentos pertencentes ao campo semântico do “comando/ordem”, e poucas vezes ao campo da “possibilidade/hipótese”. Quando as matérias jornalísticas a representam em função de suas características pessoais, essas são apresentadas como resultado de experiências e lutas pessoais seja no caso da doença ou na própria militância.

Os resultados apontam ainda que os veículos midiáticos analisados constróem representações hegemônicas sobre Dilma Rousseff, pelo fato de ela não ter atributos e características do que seja uma “mulher tradicional, conservadora, aquela que atende ao modelo binário, biológico”, mas dura, com tom firme, comportamento inflexível, como pudemos perceber nos exemplos.

No entanto, vale ressaltar que, no caso de Dilma Rousseff, embora tenhamos observado uma conduta assertiva, agressiva e debatedora, há uma transformação ocorrendo em função de um cenário político que se delineia, o que nos leva a pensar que, neste caso, por uma intervenção partidária e notadamente assimétrica, há novamente a construção de um discurso de dominação, manipulação, em que a Dilma-pré-candidata, ao ser “suavizada, flexibilizada”, passa a ser reduzida a uma criação do masculino.

“Dilma tem sido cada vez menos a Dilma que todos conhecem desde sua chegada ao poder em 2003. Aquela de poucos sorrisos, sisudez e pulso tão firme a ponto de provocar distância - sobretudo de seus subordinados.

Até agora Dilma foi alvo de críticas em que era acusada de usar a máquina do governo para fazer campanha. “Teremos uma trégua”, diz um deputado do PT. **“Ninguém vai falar mal de uma pessoa com câncer.”**

Mas também poderíamos levantar a tese de que, em função de seu comportamento performático, executor, não se pode negar seu protagonismo político, Dilma-pré-candidata é capaz de controlar seu próprio comportamento e corporeidade, de modo que a agressividade defensiva torna-se sedutora, dócil, mas sem perder sua essência:

Leila Barbara

*Maria Carmen
Aires Gomes*

90

“Dilma estreou, em público, seus cabelos naturais, de fios curtos e castanho-escuro. O novo visual é também um gesto de afirmação da forte personalidade da ex-guerrilheira. Em conversas com assessores nos últimos dias, **a ministra decidiu que não se deixará mais moldar pelos mandamentos do marketing político. “Cansei de tentar ser outra pessoa. Vou ser quem eu sou”, disse ela.**

Em linhas gerais, no cenário político recente, a então ministra-pré-candidata Dilma Rousseff encontrava-se representada em um estado de ambivalência: uma combatente suavizada e alvo de muitas críticas e acusações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSUMPÇÃO, M. **A representação da mulher que trabalha na mídia brasileiras e americanas.** Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

BARBARA, L; MACÊDO, C.M.M. Linguística sistêmico-funcional para a análise de discurso: Um panorama introdutório. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, Brasília, 2010, (No Prelo).

BUTLER, J. **Gender trouble: feminism and the subversion of identity.** New York: Routledge, 1990.

CHARAUDEAU, P. **Discurso político.** São Paulo: Contexto, 2006a.

_____. **Discurso das mídias.** São Paulo: Contexto, 2006b.

EGGINS, S. **An introduction to systemic functional linguistics**. London: Pinter Publishers, 1994.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: história das violências nas prisões**. 13 ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

GOUVEIA, C.A.M. Texto e gramática: uma introdução à Linguística Sistêmico-Funcional. **Matraga**, Rio de Janeiro, v.16, n.24, p.13-43, jan./jun. 2009.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomáz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A, 1997.

HALLIDAY, M.A. K. **Language as social semiotic: the social interpretation of language and meaning**. London: Edward Arnold, 1978.

_____. **An introduction to functional grammar**. London: Edward Arnold, 1985.

_____. **An introduction to functional grammar**. 2 ed. London: Edward Arnold, 1994.

_____. **An introduction to functional grammar**. 3 ed. Revised by Christian M. I. M. Mathiessen. London: Arnold Edition, 2004.

MARTIN, J. R.; MATTHIESSEN, C. M. I. M.; PAINTER, C. **Working with functional grammar**. London: Edward Arnold, 1997.

MIGUEL, L.F. **Mito e discurso político: uma análise a partir da campanha eleitoral de 1994**. Campinas: Unicamp/Imprensa Oficial, 2000.

MORAIS, F. B.C. **Mulheres da política brasileira: um estudo sob a perspectiva sistêmico-funcional**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

SCOTT, M. R. **WordSmith Tools: software for lexical analysis**. Oxford: Oxford University Press, 1999.

A representação de Dilma Rousseff pela mídia impressa brasileira: analisando os processos verbais

91

SODRÉ, M. **As estratégias sensíveis**: afeto, mídia e política. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

SWAIN, T.N. Feminismo, corpo e sexualidade. In: RIAL, C. S. M.; TONELI, M.J.F. (Orgs.). **Genealogias do silêncio**: feminismo e gênero. Florianópolis: Mulheres, 2004. p.180-197.

TOURAINÉ, A. **O mundo das mulheres**. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

Leila Barbara

*Maria Carmen
Aires Gomes*

van DIJK, T. Semântica do discurso e ideologia. In: PEDRO, E.R. (Org.). **Análise crítica do discurso**. Lisboa: Caminho, 1997. p. 105-168.

van LEEUVEN, T. A representação dos actores sociais. In: PEDRO, E.R. (Org.). **Análise Crítica do Discurso**. Lisboa: Caminho, 1997. p. 169-224.

92

Recebido em 31 mar. 2010 / Aprovado em 30 ago. 2010